

ETNOGRAFIA DA TRIPLICE FRONTEIRA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES¹

BÁRBARA FREITAS RIBEIRO NOGUEIRA²

CLAUDELIR CORREA CLEMENTE³

RESUMO:

Este artigo apresenta resultados de estudo antropológico sobre a tríplice fronteira, região que reúne Brasil, Argentina e Paraguai. Trata-se de dados das primeiras aproximações a essa complexa e dinâmica realidade social. A partir de inserções etnográficas, realizadas na região, em específico nos locais de grande movimentação turística e comercial das cidades de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad Del Leste (PAR) e áreas populares de Puerto Iguazu (ARG), buscaremos realçar neste cenário as pessoas, sua nacionalidade, seus motivos migratórios ou de lazer e tecer algumas considerações sobre as relações entre brasileiros, paraguaios e argentinos.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteiras, Migração, Cultura.

ABSTRACT:

This article presents results of anthropological study about the triple frontier, place that combines Brazil, Argentina and Paraguay. It is data of the first approaches to this complex and dynamic social reality. From these first inserts ethnographic observations, performed in the region, in specific places of great tourist and commercial drive of the cities of Foz do Iguacu (BR), Ciudad del Leste (PAR) and popular areas of the city Puerto Iguazu (ARG), we seek highlight in this scenario: people, their nationalities, their migratory or leisure reasons and we made some considerations about the relations between Brazil, Paraguay and Argentina.

KEY WORDS: Frontier, Migrations, Culture.

¹ Relatório de pesquisa desenvolvida durante o Programa de Bolsas Institucional de Iniciação Científica FAPEMIG/UFU 2010 – 2011.

² Acadêmica do Curso de Ciências Sociais – Instituto de Ciências Sociais (INCIS) Universidade Federal de Uberlândia. Avenida João Naves de Ávila, 2121, Uberlândia, CEP: 38408-100; babibeiro@hotmail.com

³ Prof.a Dr.a, Claudelir Corrêa Clemente docente do Instituto de Ciências Sociais (INCIS). Orientadora do projeto. Universidade Federal de Uberlândia. Avenida João Naves de Ávila, 2121 CEP: 38408-100; claudelir@ig.com.br

1- INTRODUÇÃO:

A tríplice fronteira localiza-se na América do Sul é composta por Brasil, Paraguai e Argentina, em uma região situada na confluência de dois rios, o Paraná e o Iguazu. Os rios banham três cidades da tríplice fronteira: Ciudad Del Este (PAR), Puerto Iguazu (ARG) e Foz do Iguazu (BRA). A conhecida Ponte da Amizade, inaugurada em 27 de março de 1965, une Paraguai e Brasil e a Ponte da Fraternidade, Brasil e Argentina. Além das pontes, a região possui a Hidrelétrica de Itaipu, concluída em 1989.

Figura 1: Mapa de localização da tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai



Fonte: <http://images.google.com.br/>

Acesso: 14/11/2011

Na região existe um grande mercado de fronteiras, principalmente de artigos importados, situado em Ciudad Del Este, cujos produtos possuem preços significativamente baixos em relação ao comércio sul-americano, o que torna a região mais atrativa e sujeita a vários problemas.

Nesse espaço desenvolvem-se relações sociais que envolvem brasileiros, argentinos e paraguaios, além de outros indivíduos e coletivos de várias nacionalidades, atraídos por diversos interesses: lazer, trabalho, economia formal e informal, negócios lícitos e ilícitos.

Toda essa intensidade social sinaliza uma realidade cultural singular, fomentada por fluxos migratórios que não cessam de adensar, povoar e movimentar a região. As causas que levam esse contingente populacional para a região são muitas, mas, dentre elas, a modernização da economia rural e o barateamento das terras paraguaias, nos anos de 1960, motivaram uma migração de tipo econômico, sendo proprietários e trabalhadores rurais de nacionalidade argentina e brasileira atraídos para regiões da fronteira paraguaia entre Argentina e Brasil.

Esses deslocamentos e seus povoamentos acabam por gerar relações provocadoras de desigualdades sociais, de tensões interculturais, de encontros e desencontros. Encontros, porque a região, por sua densidade social, também guarda uma riqueza cultural, brechas do convívio, da sociabilidade que se abrem para além dos motivos econômicos e por vezes alçam relações sociais amistosas.

Não menos importantes são os deslocamentos motivados pelo comércio de fronteira e são eles que nossa etnografia buscou captar para que aqui, neste texto, o leitor possa sentir um pouco da atmosfera local, a movimentação, o dia a dia da tríplice fronteira, as pessoas, suas nacionalidades e os motivos que as conduzem a esse espaço.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa enquadra-se no campo das Ciências Sociais, na área de Antropologia, e privilegiou o uso do método etnográfico na realização dessas primeiras inserções nas complexas experiências sociais que se processam na tríplice fronteira. Em complemento à etnografia, agregamos alguns relatos de pessoas que vivem e ou se movimentam na região. As análises dos dados obtidos foram realizadas com base nas produções teóricas sobre mobilidade e fronteiras realizadas por Albuquerque (2005e 2010), Bernardo & Clemente(2008), Matos(2005), Rabossi, (2004) e Sales, (1996).

Os dados etnográficos apresentados são resultantes das idas a campo, realizadas, a primeira, no mês junho de 2009⁴ e, a segunda, em julho de 2010⁵. A seguir destacaremos algumas considerações que foram levadas em conta na pesquisa no que se refere a sua opção etnográfica.

O antropólogo Fernando Rabossi (2004), pesquisador da região, aponta que etnografar a alteridade em zonas de fronteira, cuja rotina é pautada pelo burburinho do comércio e do turismo, é algo desafiador devido a um fluxo intenso de pessoas “diversas e complexas”.

Com essa perspectiva de um fazer etnográfico em meio à confluência de várias culturas e povos, tivemos que inovar nossa abordagem em campo e nos pautamos metodologicamente em estudos antropológicos que possibilitassem a pesquisa de fenômenos das sociedades complexas, a saber, nos apoiamos nos estudos do já citado antropólogo Fernando Rabossi (2004) e nas discussões metodológicas do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (1996).

Em específico, Magnani (1996) nos permitiu entender que lidávamos com um objeto de difícil acesso, via uma abordagem antropológica clássica, porque, diferentemente da realidade de campo encontrada pelo antropólogo Evans-Pritchard, que afirmou, em estudo célebre dos anos 1940 intitulado *Os Nuer*: “*da porta da minha barraca podia ver o que acontecia no acampamento ou aldeia e todo tempo era gasto na companhia dos Nuer*” (Evans-Pritchard apud Magnani, 1996: 4), encontramos na tríplice fronteira um espaço em movimento, não tínhamos uma comunidade fixa a um território, com densos laços sociais como aqueles encontrados por Evans-Pritchard e demais antropólogos de sua época.

Contrário a esse viver comunitário, a tríplice fronteira é palco de diversas experiências sociais nem sempre portadoras de vínculos comunitários densos e muito menos presos ao território da tríplice. No entanto, são relações sociais com conteúdos simbólicos significativos para as pessoas que ali se movimentam e ou vivem.

Essa realidade nos atraiu justamente pela procedência de seus transeuntes, pela variedade de modos de vida e, sobretudo, pelos motivos que levavam as pessoas a esse

⁴ O trabalho de campo foi realizado por ocasião de um trabalho final de uma disciplina cursada no primeiro semestre de 2009, no curso de Relações Internacionais na Universidade Federal de Uberlândia; sob orientação do professor Sylvio Andreozzi.

⁵ A segunda ida a campo foi realizada na data de 27/07/2010 sob a vigência do período da Iniciação Científica.

local que, para nós, fomentava um tipo de espaço mundo erigido nos encontros e desencontros de povos e culturas.

Na medida em que nos conscientizamos dessa realidade, buscamos nas orientações constituir suportes metodológicos que permitissem a uma bolsista iniciante trilhar os primeiros desafios da pesquisa antropológica.

Assim, um dos primeiros passos foi identificar, por meio do estudo bibliográfico de pesquisas realizadas na região (Albuquerque, 2009 e 2010; Rabossi, 2004), pontos estratégicos que facilitassem o contato com pessoas interessadas em se deslocar para e usufruir da tríplice fronteira. Nessa primeira etapa identificaram-se como pontos as rodoviárias e os aeroportos. Optamos por etnografar os aeroportos, dada a necessidade que teria a bolsista de viajar por uma longa distância, sendo preferível percorrê-la por avião.

Um segundo passo foi eleger mais três pontos estratégicos, a saber, a área comercial de Ciudad Del Este, o Parque Nacional do Iguazu e ruas de Puerto Iguazu, sobretudo porque os dois primeiros apresentavam a intensa e agitada vida social das fronteiras e o último, a cidade de Puerto Iguazu, apresentava alguns aspectos de vida comunitária que permitiriam compreender formas de povoamento resultantes de migrações econômicas para a região.

O último dos suportes metodológicos, mas não menos importante, foi o de coletar relatos de pessoas que vivem e ou se movimentam na região.

Acreditamos que, com os relatos, captemos as especificidades da vida social local. Assim, foi contatada uma dezena de pessoas cujos relatos serão expostos ao longo do texto. Apoiar-se no indivíduo é uma medida segura, porque é nele que se condensa a vida social.

E foi por meio desse contato com as pessoas e com seus espaços sociais, que a iniciação científica foi-se processando e trilhando os desafios de uma etnografia nas fronteiras. Cientes do que atesta Mariza Peirano, acreditamos que

(...) não há como ensinar a fazer pesquisa de campo como se ensina, em outras ciências sociais, métodos estatísticos, técnicas de *surveys*, aplicação de questionários. Na Antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados. Peirano apud Magnani. (1996:15)

Na tríplice observa-se um tipo de espaço mundo, com gente de culturas de todos os cantos do globo, atestando o que Stuart Hall (2003) nos faz entender em seus estudos sobre a cultura contemporânea, ou seja, as culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura é uma produção e uma viagem de redescoberta. Há, porém, dois processos opostos em funcionamento nas formas contemporâneas de globalização: existem as forças dominantes que ameaçam subjugar todas as culturas que aparecem, impondo uma mesmice cultural homogeneizante; e os processos que sutilmente estão descentrando os modelos ocidentais, levando a uma disseminação da diferença cultural em todo o globo. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abraçar os processos mais amplos, o jogo da semelhança e da diferença que estão transformando a cultura no mundo inteiro.

Esse caminho pode ser aprendido na região da tríplice fronteira, onde interagem grupos sociais de diferentes culturas.

Ressaltamos, ainda, que os indivíduos autores dos relatos que são expostos nesse artigo terão seus nomes omitidos para manter sua privacidade. Citaremos apenas seu gênero e nacionalidade.

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS:

3.1. Migrações e mobilidades

Na tríplice fronteira brasileira, onde Brasil, Argentina e Paraguai dividem seus territórios, existe uma população cuja história social propiciou a formação de uma configuração cultural específica, marcada por contatos interculturais que permitem pensar hibridismo, interação social e relações interétnicas.

Grande parte do contingente populacional que ocupa essa região fronteira é fruto de fluxos migratórios provocados em sua maioria por problemas econômicos, mas também por questões étnicas, religiosas e políticas. Contudo, a questão da desigualdade social tem sido uma das causas mais constantes que levam determinados grupos sociais a migrarem para região.

A partir de meados dos anos 1960, sobretudo durante a década de 1970, a mobilidade rumo à área de fronteira passou a ser um fator importante. Esses

deslocamentos foram provocados principalmente pelas transformações e modernização das relações de produção agrária nos países do América do Sul, revelando uma realidade de concentração e monopólio da propriedade fundiária.

É bom ressaltar que o fenômeno migratório na região da tríplice fronteira, mesmo motivado por questões de fundo econômico, porta em si diferenças no que se refere aos estratos sociais dos quais fazem parte esses indivíduos e coletivos migrantes, pois entre eles há ricos, pobres e pessoas da classe média. Em termos de nacionalidade, a grande maioria é de brasileiros, seguidos de argentinos e, por último, os paraguaios.

Quando se cruza a fronteira, percebe-se claramente que não se está mais no próprio país. É visível a diferença.

As estratégias geopolíticas de aproximação na tríplice fronteira (como a construção da ponte da Amizade, Hidrelétrica de Itaipu, Parque Nacional do Iguazu/Parque Nacional Iguazú) também favoreceram a entrada da população fronteiriça nos países vizinhos. “O que existiu foi uma junção de um processo espontâneo de deslocamento populacional, (...) com os interesses geopolíticos dos governos”. Albuquerque, (2009:3)

Na sequência busca-se realçar o perfil social dessas pessoas e esclarecer os motivos que levam esses brasileiros, paraguaios e argentinos a se deslocar para região da tríplice fronteira.

3.1.1. Brasileiros no Paraguai

Análises significativas sobre processos migratórios na região (Albuquerque, 2009; Fogel, 1990 e 2008; Salles, 1996) ressaltam que a modernização da agricultura brasileira, a partir dos governos militares da década de 1970, elevou o preço das terras. E esse foi o fator que, sem dúvida, pesou nos movimentos migratórios. Não foram somente os espoliados pobres que se deslocaram por esse processo de modernização do campo, mas também investidores rurais em busca de terras com preços mais baixos e atraentes.

Vários brasileiros que se concentravam em terras no Sul do país, especialmente no estado do Paraná, começaram a se transferir para o Paraguai pelas grandes facilidades oferecidas no governo do Presidente Stroessner (1954-1989) aos proprietários brasileiros e grandes companhias. Contando com incentivos do governo paraguaio, mais a disponibilidade de terras férteis e mais baratas do que no Brasil, muitos iniciaram um fluxo de migração para aquele país. A política de Stroessner muito

contribuiu nesse processo, devido à pouca rigidez da legislação sobre a propriedade da terra, que podia ser adquirida por estrangeiros. Os proprietários brasileiros, além de investir em terras mais baratas que as brasileiras, tinham como finalidade produzir, especular ou arrendá-las a terceiros. Esse fluxo migratório era caracterizado por várias classes de produtores.

“O programa de colonização paraguaio contribuiu para acentuar esse fenômeno, na medida em que, depois de distribuir terras a pequenos agricultores, usou de vários mecanismos para transferi-las a grandes empresários e especuladores”. Fogel (1990:56)

O êxodo dos gaúchos⁶ e paranaenses⁷ segue em direção à região de fronteira no Sul, Centro-Oeste e no Norte do País. No caso dos paranaenses, contribuiu também para seu êxodo a construção da usina Hidrelétrica de Itaipu em 1973, *“cujo reservatório veio alagar 1.350 km² sendo que 780 km² eram do lado brasileiro e 570 km² eram do lado paraguaio.”* (Germani, 1982: 39). Segundo Ferrádas (2004: 419), *“A atração exercida pela sua construção não atraiu somente brasileiros, mas também paraguaios e argentinos”.*

E para Albuquerque (2009: 3),

O deslocamento de milhares de trabalhadores para a construção da hidrelétrica de Itaipu e a indenização de vários camponeses que viviam no lugar do futuro lago de Itaipu também contribuíram para aumentar o fluxo migratório para o Paraguai na década de 1970 e 1980. Albuquerque, (2009: 3)

De acordo com uma trabalhadora local:

Acho que o que os une é a questão do trabalho. Itaipu uniu Brasil e Paraguai e Ciudad Del Este também, você vê pessoas diferentes trabalhando juntas. Em Ciudad é tudo uma bagunça, mas sempre tem um paraguaio e um brasileiro juntos. (Trabalhadora brasileira, Foz do Iguaçu, Brasil, entrevistada em 27/07/2010).

O Brasil passava por um processo de modernização e expulsão da população do campo, e o Paraguai tinha a intenção de uma maior participação no mercado internacional, abrindo caminhos para escoar seus produtos agrícolas, como a soja e algodão.

⁶ Gaúchos – Brasileiros nascidos no Rio Grande do Sul.

⁷ Paranaenses – Brasileiros nascidos no Paraná.

São imprecisos os dados a respeito do fluxo migratório Brasil-Paraguai, variando de 300 mil a 500 mil o total de imigrantes somente durante o governo Figueiredo (1979-1985).

“O Censo Demográfico paraguaio de 1992 computa em 112 mil o número total de brasileiros que residem no país. Já movimentos sociais ligados à Igreja estimam em 500 mil esse contingente”. Sales, (1996:93)

Essa migração em massa gerou vários conflitos no país entre brasileiros e indígenas e camponeses paraguaios, conflitos esses em torno das questões sobre posse de terra e que são visíveis até os dias de hoje. Os paraguaios sentem que foram invadidos e desapropriados pelos brasileiros, que contaram com a ajuda e apoio do seu próprio governo, que possibilitou toda a transferência e garantiu a legalidade da compra de propriedades por estrangeiros.

Assim, muitos indígenas e camponeses não conseguiram manter suas terras, vendendo a um baixo custo aos brasileiros e sofrem as consequências da presença massiva desses estrangeiros no local. Esse processo pode ser caracterizado como “a revolução dos ricos contra os pobres” Polanyi apud Sales, (1980: 17). Os conflitos envolvendo brasileiros, camponeses e indígenas paraguaios não se resumem apenas à disputa pela terra; estão relacionados também à destruição florestal, uma vez que a área fronteira ocupada pelos brasileiros era ocupada por uma reserva, e ao uso de agrotóxicos nas lavouras de soja. O problema relacionando ao meio ambiente e a vários casos de intoxicação de camponeses nessas áreas de plantio tem gerado vários conflitos com os camponeses. Assim afirmam os pesquisadores:

“Os pequenos produtores e os camponeses sem-terra lutam principalmente com os grandes proprietários estrangeiros”. Albuquerque, (2009:5)

“O que explicito aqui são os modos como os agentes sociais em confronto constroem a polaridade da classe e da nação entre *campesinos* paraguaios pobres e “brasiguaios” ricos”. Fogel, (2008:277)

Os imigrantes brasileiros que conseguiram ascender socialmente controlam importantes setores da economia, da política e da cultura local nas principais cidades do Paraguai.

Havia um expressivo número de pessoas que moravam no Paraguai e na Argentina e que tinham algum vínculo com Foz do Iguazu, como emprego, conta bancária, propriedades e que usufruíam de atendimentos à saúde e à jurisprudência. Pontes, (2009: 5)

O trânsito desses estrangeiros sempre foi livre e constante entre as cidades.

Figura 2



Foto da Aduana Ciudad Del Este – Foz do Iguaçu. Registrada pela bolsista Barbara Freitas Ribeiro Nogueira em 29/07/2010

3.1.2 Brasileiros na Argentina

Os motivos que levam os brasileiros a migrarem para a Argentina são em grande medida do mesmo tipo. São possivelmente os mesmos proprietários que compram terras no Paraguai e que levam consigo os trabalhadores que vão utilizar nos seus cultivos. Mas na Argentina existe uma legislação em vigor desde os anos 1940 que proíbe a compra de terras por estrangeiros.

O departamento de Misiones, na região da tríplice fronteira, é a principal área de atração dos migrantes brasileiros, mas, diante da Lei de Fronteira de 1949, esse fluxo migratório foi decrescendo até quase desaparecer. Contudo, na década de 1970, voltou a

ser intenso o de brasileiros e guaranis na fronteira de Misiones. De acordo com Espíndola (1992), “Estima-se um fluxo de 50 mil migrantes na década de 70, a maioria agricultores sem-terra.” (Espíndola apud Sales, 1992: 3)

Figura 3.



Foto da fila de passagem da fronteira Brasil-Argentina. Registrada pela bolsista Barbara Freitas Ribeiro Nogueira em 30/07/2010

3.2.3 POVOS DA TRÍPLICE FRONTEIRA NO BRASIL

Também o Brasil recebe imigrantes dos países pertencentes da tríplice. Entre os imigrantes há os que são os procedentes da Argentina. Eles estão distribuídos no Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, e em menor número, há migrantes argentinos no estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso e Minas Gerais.

Isso posto, os fluxos migratórios entre Brasil, Paraguai e Argentina foram motivados pela modernização da economia rural, que desencadeou dois processos de deslocamento. O primeiro é o de proprietários rurais e empresários agrícolas que foram em direção a esses países atrás de terras mais baratas para produzir ou especular. O segundo processo é a migração de trabalhadores rurais ou pequenos produtores que

foram desapropriados pelo processo de modernização e tecnicização da agricultura e foram para aquele local em busca de melhores condições de vida. Esse segundo caso ainda se configura em um movimento de proporções maiores.

3.2 Etnografando a tríplice fronteira: primeiras inserções em campo

A realização do trabalho de campo na tríplice fronteira implicou o deslocamento da bolsista de iniciação científica da cidade Uberlândia, no Estado de Minas Gerais, àquela região. A primeira cidade visitada foi Foz Iguazu, em terras brasileiras. A viagem, envolvendo trajeto e trabalho de campo, iniciou-se no mês de julho de 2010 e terminou em agosto do mesmo ano. Era a segunda viagem da estudante a tríplice, mas a primeira como bolsista pesquisadora da região.

O deslocamento para a tríplice não é fácil, o stress e o cansaço físico se fazem presentes desde as conexões aéreas em São Paulo e Curitiba e os atrasos que são recorrentes na aviação brasileira, mas, depois de enfrentar três voos, finalmente chega-se à cidade de Foz Iguazu, que faz divisa com Puerto Iguazu (Argentina) e Ciudad Del Este (Paraguai).

No entanto, essas dificuldades acabam por tornar-se elementos importantes para esse tipo de trabalho antropológico, que tem como um dos objetivos etnografar deslocamentos, mobilidades e migrações, como também descrever pessoas, motivos de viagem, sentimentos, expressões e surpresas.

Desde a conexão em São Paulo encontram-se amostras desse universo que envolve a mobilidade. O primeiro desembarque por vezes torna-se confuso e demorado. A viagem de muitos passageiros é dificultada por atrasos dos voos, gerando transtornos nos demais aeroportos. Ao chegar-se ao saguão do aeroporto de Congonhas/SP, depara-se com vários estrangeiros no local, coreanos, alemães, americanos. É possível precisar-lhes o destino. Sua presença sugere ser o Brasil um país atrativo para o turismo e os negócios, pois muitos deles pareciam empresários.

O voo para Curitiba atrasa cerca de uma hora e se percebe o nervosismo e a preocupação dos passageiros com esse atraso. Havia uma mãe acompanhada de uma criança que iria também para Foz do Iguazu. Ela comentava com a filha que o voo havia atrasado demais e por isso iriam chegar muito tarde em casa. "Quase de noite", como ela disse. A previsão era de chegada ao destino no final da tarde.

Dentro do avião com destino a Foz Iguaçu, se observa a diversidade étnica e cultural: asiáticos, norte-americanos e europeus.

O trajeto à região da tríplice fronteira apresentava-se instigante, surpreendente e peculiar. Um americano comentava que estava indo para praticar esportes radicais em Foz do Iguaçu e fazer todos os passeios do parque, já tendo estado lá outras vezes.

Quando o avião se aproximou de Foz do Iguaçu, todos olharam maravilhados a beleza das cataratas vista da janela do avião. Após a aterrissagem, já no saguão do aeroporto, fomos recepcionados por uma escola de samba e duas de suas assistas. Os estrangeiros pareciam admirados com o samba e alguns até arriscaram alguns passos. É possível também ser recepcionado com coreografias de tango, pois esses eventos fazem parte da publicidade de estabelecimentos locais.

O comércio é um dos grandes atrativos da região e o que nos chama mais a atenção, principalmente quando se atravessa a Ponte da Amizade para entrar em Ciudad Del Este, magnânima cidade do comércio de lojistas e ambulantes. Nela, tem-se a sensação de se estar no espaço mundo, local de confluência de vários povos - asiáticos, europeus, árabes, latino-americanos - que fazem ressoar suas vozes e se movimentam por toda tríplice fronteira.

Atualmente o comercio Ciudad Del Este sobrevive da venda de perfumes, de equipamentos eletrônicos e de eletrodomésticos importados pelo Paraguai de Taiwan, Coreia do Sul e Estados Unidos. Após suas vendas, seguem trilhas internacionais diversas: uma delas é a trilha dos sacoleiros⁸ brasileiros, gente dedicada a viajar e comprar nessa cidade e depois revender no Brasil. Essas pessoas buscam os artigos em arriscadas viagens pela ponte da Amizade, sendo fiscalizadas pela Receita Federal Brasileira ao cruzarem a aduana⁹ entre os dois países. Ao passar pela aduana, cada viajante recebe um documento no qual, de acordo com a legislação brasileira, deve declarar os bens que traz do exterior. Livros, folhetos, periódicos, roupas, objetos de uso ou consumo pessoais ou profissionais não precisam ser declarados. Os bens adquiridos devem totalizar US\$ 300,00. A tributação incidente é de 50% sobre o valor excedente a esse limite de isenção. O valor do imposto é calculado pela fiscalização aduaneira e seu pagamento é condição para liberação dos produtos. Diante de tal fiscalização, muitos

⁸ Sacoleiro - que ou quem se dedica à venda de mercadorias populares.

⁹ Aduana - Alfândega.

sacoleiros têm suas mercadorias apreendidas na Alfândega, pois ultrapassam a cota de US\$300,00 e não conseguem pagar os impostos cobrados.

As pessoas que circulavam entre as lojas dos *shoppings* da região eram, em sua maioria, brasileiros, mas também alguns argentinos faziam compras naquele local. Entre os produtos mais comprados, destacam-se os eletrônicos, perfumes importados, bebidas e brinquedos. Encontram-se também alguns produtos originais do Paraguai que estavam com preço na moeda local, o guarani.

Pode-se perceber que, além de grande atrativo para compra e venda de eletrônicos provenientes dos Estados Unidos, China e Coreia do Sul, existe ainda certa imposição desses países sobre a cultura paraguaia, pois aceitam-se ali quatro tipos de moedas: o dólar, o real, o peso argentino e o guarani. De alguma forma isso indica certa imposição econômica, mas não teremos tempo de aprofundar esse aspecto nesse artigo.

Foi recorrente observar, nas atividades etnográficas, que o fiscal da alfândega informa a permissão de até 300 dólares por viagem à tríplice fronteira, e não por país da tríplice. Caso extrapole os 300 dólares, o viajante paga 50% sobre o restante. Assim explica um fiscal:

Aqui você está em território de gringo, em território alienígena; para nós não importa se você veio aqui e comprou um dólar só e cruzou a fronteira. Se a receita te pegar, já era. Só daqui a trinta dias você pode vir aqui fazer compras de novo, e usar sua cota de trezentos dólares. Aqui ou na Argentina ou Duty Free. Aqui é assim. Duty Free aqui é outro esquema. Você não compra cinquenta dólares, cruza a fronteira e depois volta e compra mais duzentos e cinquenta. Se a receita te pegar de primeira, já era. Compras no estrangeiro? Só daqui a trinta dias se não quiser pagar imposto. (Homem, brasileiro, Fiscal da Aduana de Foz do Iguaçu/Ciudad Del Este, Paraguai. Entrevista em 27/07/2010).

Diante desse cenário, não dá para não afirmar que Ciudad Del Este é a mais profusa, em termos de relações interculturais. Percebe-se que suas ruas são cenários de encontros e desencontros entre os povos.

3.3 Encontros ou desencontros na tríplice fronteira?

A vida social na tríplice fronteira guarda suas zonas de conflito. As diferenças entre os grupos étnicos acentuam suas identificações coletivas e podem servir também para atitudes preconceituosas, assim como formas negativas de classificação do “outro”. Segundo Albuquerque (2009),

Algumas palavras são criadas e/ou ressignificadas visando classificar negativamente o “outro”. (...) Assim, “che iru”, que em guarani significa “meu amigo”, “meu companheiro” os brasileiros mudam para “chiru” ou “chiru mandioqueiro”, e passa a ser um termo pejorativo (“bugre”, “índio”, “não civilizado”, etc.). De mesma forma, a palavra portuguesa “rapaz” (“jovem”, “moço”) (...) se transforma em “rapai” na linguagem paraguaia e também adquire um sentido depreciativo (“ignorante”, “inculto”, etc.) Albuquerque, (2009: 5)

Essa forma de expressão da identidade reforça a análise de Weber (1994): “A crença subjetiva numa comunhão e as lembranças de origem comum acentuariam, nos imigrantes, o sentimento de pertença a uma comunidade com diferentes costumes e outros aspectos extremos de diferenciação”. Weber, (1994: 269)

E atesta o que constata Albuquerque (2009) nas relações entre brasileiros e paraguaios.

O termo “brasiguai” adquiriu sentidos variados ao longo das duas últimas décadas refere-se (...) 1) ao imigrante pobre que foi para o Paraguai, não conseguiu ascender socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; 2) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; 3) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; 4) aos imigrantes e seus descendentes que falam um “idioma fronteiro” e mesclam outros elementos culturais dos dois países; 5) a todos os imigrantes brasileiros na nação vizinha. Albuquerque, (2009: 8)

Já os brasileiros enfatizam o desenvolvimento econômico e tecnológico do Brasil comparado com seus países vizinhos, e assim a nação brasileira é vista como uma grande potência. “Muitos brasileiros são reconhecidos e se consideram superiores e melhores”. Albuquerque (2009: 6)

É também significativa a influência cultural brasileira via meios de comunicação, músicas, danças, tradições e culinária nessa ampla zona de fronteira.

“As músicas tocadas nos bares e nos carros de som são predominantemente brasileiras”. (Albuquerque, 2009:4)

Constatou-se, no processo da produção etnográfica, que, ao ligar a televisão nas cidades não brasileiras da fronteira cuja sintonia não é parabólica, ou seja, canais abertos, captam-se os canais brasileiros. Passando em frente a uma boate argentina em Puerto Iguazu, é possível também ouvir música brasileira. Se se indaga os argentinos de Puerto: - *Onde está o tango argentino?*, eles respondem: - *“Se tocarmos tango, não atraímos a população local”*.

Fatos ligados às desigualdades nas condições de vida rural também são fontes de conflitos. A opressão política que muitos camponeses e indígenas paraguaios sentem em relação às terras que foram compradas por brasileiros, juntamente com a questão da desapropriação de suas terras e questões de pobreza, segurança e bem estar são fatores que levam a população local a constantes movimentos, por vezes problemáticos para sua vida.

Ao enfrentar esse tipo de realidade complexa e perversa - encarecimento das terras, expulsão do local de origem, crescente criminalidade, insegurança na zonas aduaneiras, enfim, constrangimentos que dificultam o bem-estar social – migrantes e principalmente os pobres se tornam incômodos para os moradores locais. Começam aí as disputas e conflitos entre etnias diferentes.

- Então quer dizer que nós não temos os direitos dos paraguaios porque não somos paraguaios; não temos o direito dos brasileiros porque abandonamos o país. Mas, me digam uma coisa: afinal de contas, o que nós somos?

- Vocês são uns brasiguaios, uma mistura de brasileiros com paraguaios, homens sem pátria. Wagner, (1990: p.11)

Na direção preventiva, mas também discriminatória, o governo brasileiro iniciou um processo que visa à reformulação da legislação, indicando a elaboração de uma lei que responda às questões da migração internacional e que diga respeito aos direitos humanos, bem como à dignidade inalienável de cada ser. Contudo, a nova lei continua designando esses migrantes que entram em território brasileiro como estrangeiros. Essa terminologia gera certo incômodo, como o “novo” e o “diferente”, ou seja, o estrangeiro é sempre alguém que atrai para si um olhar contraditório por parte dos nativos, que podem ou não admitir sua presença no seu novo habitat.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos migrantes é a rejeição que enfrentam por se encontrarem nessa situação. Isso faz desencadear problemas, como a tensão interétnica, que se agravam pela ausência de políticas internacionais de migração.

Historicamente Brasil e Argentina estabeleceram relações de dominação com o Paraguai, primeiramente com a Guerra do Paraguai (1864 até 1870) e depois com a Guerra do Chaco (1932 até 1935), que se estende até hoje, uma vez que as relações sociais com os demais grupos étnicos são muitas vezes marcadas por subordinação, sendo, brasileiros e argentinos, proprietários e os paraguaios, empregados. Essa relação, caracterizada por certa sutileza, encobre uma realidade social de um fenômeno migratório desigual, inclusive no que se refere à hierarquia, considerando-se os migrantes ricos bem-vindos para investir nos países e migrantes pobres, malvindos e vítimas de intolerância.

A pobreza, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento, a dispersão. Essa situação é muito comum e visível na região da tríplice fronteira onde muitos migrantes de origem argentina, brasileira e paraguaia tentam melhores condições de vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como propósito mais geral, este trabalho pretendeu demonstrar que a Antropologia tem uma contribuição a dar no processo de conhecimento da realidade social da tríplice fronteira, diferenciando-se pelo enfoque etnográfico, que buscou não só realçar os motivos que levam indivíduos e coletivos para a região como também captar o burburinho e movimentação do comércio de fronteiras.

Ao longo do processo etnográfico, percebemos que precisaríamos retratar os intensos fluxos migratórios para a região e o quanto eles contribuíram para o povoamento e os encontros e desencontros culturais observados no dia a dia da tríplice fronteira.

Por outro lado, as oportunidades comerciais indicavam que a tríplice fronteira ainda é fonte de atração de pessoas e grupos em busca de bons negócios.

Ou seja, a região não cessa de ser povoada, adensada e movimentada e isso a faz intrigante nas suas configurações culturais e conteúdos simbólicos.

No entanto, não foi possível a esse trabalho de iniciação dar conta de tal complexidade, mas conseguimos realizar uma primeira aproximação da realidade dinâmica da tríplice fronteira.

Nesse processo identificamos a necessidade de uma metodologia adequada para captar e analisar os dados sobre espaços marcados por diferentes tipos de migração e mobilidade espacial. Constatamos que uma abordagem antropológica clássica, baseada no estudo de comunidades cujos vínculos ao local de moradia são rígidos e poucos flexíveis à mobilidade, não auxiliaria na superação dos desafios impostos pelos indivíduos e coletivos migrantes. Abordagens quantitativas não responderiam a nossos objetivos antropológicos, principalmente aqueles que visam a captar a movimentação social, as pessoas e seus motivos de deslocamento.

No entanto, as dificuldades metodológicas viabilizaram maior conhecimento dos fatores sociológicos, econômicos e históricos que fomentam as migrações para região. Constatamos que a modernização da agricultura brasileira nos anos 1960 contribuiu para o adensamento dos fluxos migratório, levando para a tríplice migrantes ricos, proprietários e empreendedores, e migrantes pobres, os trabalhadores rurais.

A eles juntam-se os pequenos empreendedores, os vendedores e compradores do comércio de fronteira e no todo dão a efervescência local que buscamos etnografar.

5.BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, J. L. C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

_____ *A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais*. Horizontes Antropológicos. Edição Eletrônica, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php/script=sci_arttex&pid . Acesso em 23/09/2010.

_____ *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre Brasil e Paraguai*. São Paulo: Anablume, 2010.

AMARAL, Arthur Bernardes do. *A questão da Tríplice Fronteira no tempo presente*. P. 1-14, 2007. Disponível em:
www.tempopresente.org/index.php?option=comcontent&task=view&id=32957&itemid=124. Acesso em 25/10/2010.

CLEMENTE, C. C. e BERNARDO T. *Diásporas, redes e guetos: conceitos e configurações no contexto transnacional*. São Paulo: Educ, 2008.

ESPÍNDOLA, J. La inmigración brasileña en el este misionero argentino: nuevo examen de un antiguo problema. *Revista Paraguaya de Sociología*, ano 85, n. 29, set.-dez, 1992.

FERRADÁS, C. A. *Environment, Security, and Terrorism in the Transactional Frontier of the Southern Cone*. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, v11, p. 417- 422, 2004.

FOGEL, R. Los campesinos sin tierra en la frontera. *Série Tierra*, CIPAE, n. 2, 1990.

FOGEL, R. La región de la triple frontera: territorios de integración y desintegración. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 20, p. 270-290, jul./dez. 2008.

GERMANI, Guiomar Inez. *Os expropriados de Itaipu*. Cadernos de Propur, Porto Alegre, 1982.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

ITAIPU BINACIONAL. Disponível: <http://www.itaipu.gov.br/?q=node/356>. Acesso em 17 de fev.2011.

MAGNANI, J.G. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole In Magnani, J. G.C. e Torres, Lilian de Lucca (orgs.) *Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana*, São Paulo: EDUSP, 1996.

MASI, F. Paraguay en el proceso de integración del Cono Sur. Trabalho apresentado no Foro Internacional sobre Integración Latinoamericana, Santiago de Chile, 21- 23 de agosto de 1990; publicado na série *Discusión y Análisis*, IDIAL, Assunção, n. 6, agosto de 1990.

MATOS, Ralfo. Conexões geográficas e movimentos migratórios internacionais no Brasil meridional. In: MATOS, Ralfo (Org.). *Espacialidades em Rede*. Belo Horizonte, C/ Arte, 2005.

MATTOS, C. de M. *Geopolítica e teoria de fronteiras: fronteira do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

OLIVEIRA, M. M. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, mai/ago. 2006.

POLANYI, Karl. *A grande transformação – as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

PONTES, Beatriz Maria Soares. O confronto entre espaços de liberdade e segurança: o território da tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai). *Revista de Geografia*. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v.26, n.3, set/dez.2009.

RABOSSI, F. *Nas ruas de Ciudad Del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteira*. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

SALES, T. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. *Net*, Campinas, abril. 1996. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol13_n1_1996/vol13_n1_1996_6notas_depesquisa_87_98.pdf . Acesso em 18 de nov.2009.

SPRANDEL, M. A. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) - PPGAS, Museu Nacional.

SOARES, T. *História da formação das fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

WAGNER, C. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990.

WEBER, M. Relações comunitárias étnicas. In: WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, vol.1. Tradução de Regis Barbosa e Karen Eisabe Barbosa. Brasília: UnB, 1994. p. 267-277.
